

A literatura imaginou primeiro o fim

Categories : [Guilherme José Purvin de Figueiredo](#)

O fim da vida sempre foi um tema debatido pela humanidade. Na Idade Média, teólogos interpretavam o Apocalipse de João Evangelista. Em meados do Século XIX, físicos discutiam a inexorabilidade da segunda lei geral da termodinâmica. Já os geólogos raciocinavam em termos de eras geológicas, um intervalo de tempo demasiado longo. Quando, no fim das contas, o desastre final viesse a ocorrer, a humanidade (diriam os herdeiros de Jules Verne) já teria migrado para outras galáxias. O medo do extermínio da humanidade era tão ingênuo quanto a crença medieval com o fim da civilização pela peste, algo que Boccaccio explorou com maestria no “Decameron”. Em 1972, a ONU convocou todos os países para um encontro mundial em Estocolmo. Pela primeira vez um assunto reservado à Literatura, à Teologia Escatológica e a um restrito círculo de iniciados em Física seria discutido em âmbito político. Não as profecias de Nostradamus nem uma iminente colisão de um cometa, mas a crise ecológica provocada pela ordem econômica mundial.

É verdade que, num primeiro momento, não se falava ainda sobre mudanças climáticas, mas o *princípio 6* da Declaração de Estocolmo já esboçava algumas preocupações a respeito: “Deve-se por fim à descarga de substâncias tóxicas ou de outros materiais que liberam calor, em quantidades ou concentrações tais que o meio ambiente não possa neutralizá-los, para que não se causem danos graves e irreparáveis aos ecossistemas. Deve-se apoiar a justa luta dos povos de todos os países contra a poluição”. Nasceram naquele momento o Direito Internacional do Meio Ambiente e o Direito Ambiental.

“Pela primeira vez um assunto reservado à Literatura, à Teologia Escatológica e a um restrito círculo de iniciados em Física seria discutido em âmbito político”.

Vinte anos mais tarde, na Conferência da ONU no Rio de Janeiro (ECO 92), os dados sobre biodiversidade e as previsões científicas sobre as mudanças climáticas eram muito mais aprofundados. Tratava-se de uma crise sistêmica, capaz de provocar epidemias, secas, devastação das florestas, guerras pela sobrevivência. Um tema reservado às pinturas de [Bosch](#) e aos livros de [H.G. Wells](#) passava agora a ser debatido em âmbito diplomático internacional e no interior dos parlamentos.

Os paradigmas que orientam a criação nos seriados “[The Twilight Zone](#)” (1959-1964) e “[Black Mirror](#)” (2011 até hoje) são totalmente diferentes. Em 1959 o mundo estava polarizado e o que preocupava artistas e diplomatas era o receio de uma terceira guerra mundial. Em plena guerra fria, passados poucos anos de Hiroshima e Nagasaki, o fantasma ainda era o holocausto nuclear.

No ano de lançamento do primeiro episódio de “Black Mirror”, o quadro era outro. Em primeiro lugar, o ataque ao WTC, ocorridos há uma década, mostrava que até os EUA eram vulneráveis – dado que, por si só, já bastaria para modificar o *Weltanshauung* de uma geração. Ademais, geólogos agora falavam em *Antropoceno*. O extermínio já se achava em curso e atingia a todos, indistintamente. A depleção da camada de ozônio, os gases de efeito estufa, a contaminação do solo e das águas e o avanço a passos largos da agropecuária, da indústria madeireira e da mineração sobre as florestas geram trágicos efeitos climáticos e socioambientais. “*Black Mirror*” lida com hipóteses factíveis, antecipações lógicas dos prováveis desdobramentos da ciência e da política contemporâneas.

“Desertificação do solo, envenenamento dos mares, insustentabilidade ambiental de megalópoles, epidemias decorrentes da alteração dos processos ecológicos essenciais e assassinatos de lideranças ambientais obrigam-nos a considerar o fim da vida no planeta como um tema atual e concreto”.

De igual forma, romances como “*Não verás país nenhum*”, do brasileiro Ignácio de Loyolla Brandão, “*The Road*”, de Cormac McCarthy, “*O ano do dilúvio*”, de Margaret Atwood ou “*Solar*”, de Ian McEwan, retratam uma nova percepção da finitude da vida no planeta. Os informes da Organização Mundial de Meteorologia alimentam as páginas dos romancistas e poetas.

Desertificação do solo, envenenamento dos mares, insustentabilidade ambiental de megalópoles, epidemias decorrentes da alteração dos processos ecológicos essenciais e assassinatos de lideranças ambientais obrigam-nos a considerar o fim da vida no planeta como um tema atual e concreto. Tal percepção, porém, não vem sendo alcançada por empresários, legisladores e diplomatas. A Literatura mostra-se muito mais sensível à realidade planetária do que o Direito Internacional das Mudanças Climáticas ou o Direito Ambiental Brasileiro. O Supremo Tribunal Federal, no julgamento da constitucionalidade do Código Florestal de 2012, não se deu conta disso. Resta torcer para que a COP 24, a realizar-se este ano na Polônia, seja mais sensível ao verde e ao azul da ecoliteratura contemporânea do que aos cinquenta tons de cinza de E.L. James.

Leia Também

<http://www.oeco.org.br/colunas/guilherme-jose-purvin-de-figueiredo/o-estado-que-mais-regenerou-tambem-pode-ser-o-que-mais-destruiu-a-floresta/>

<http://www.oeco.org.br/colunas/guilherme-jose-purvin-de-figueiredo/o-parana-e-um-mar-de-soja/>

<http://www.oeco.org.br/colunas/guilherme-jose-purvin-de-figueiredo/vaquejadas-risco-iminente-de->

volta-barbarie/